



Além da edição impressa, as notícias do Agronegócio são publicadas diariamente no site do JC. Aponte a câmera do celular para o QR Code e acesse.
www.jornaldocomercio.com/agro



Campanha busca regular o uso de defensivos

Audiência pública para discutir normatização está prevista para fevereiro de 2025 na Assembleia Legislativa

Samuel da Rosa, de Bagé

O problema da deriva na aplicação de defensivos agrícolas do tipo herbicidas hormonais, que ocorre quando esses produtos são levados pelo vento para áreas além do local de aplicação, vem mobilizando diversos setores da produção no Rio Grande do Sul, em especial na região da Campanha, onde o plantio de soja vem gradualmente ganhando espaço.

A preocupação se dirige, especialmente, ao emprego do produto 2,4-D, utilizado em lavouras de soja para combater a invasão da buva, que impacta na produção de culturas como soja, milho e trigo no país. Quando ocorre a deriva, outros cultivos como o de uvas, maçãs, oliva, noz, erva-mate e hortaliças podem ter o crescimento afetado pela ação do defensivo agrícola.

“A questão agora é realmente decidir: o Rio Grande do Sul quer continuar com outras culturas ou vai ser só a monocultura?”, questionou Rosana Wagner, presidente da Associação dos Vinhos da Campanha. Segundo ela, a deriva continua sendo um problema grave devido ao uso indiscriminado e inadequado dos herbicidas.

A entidade se juntou a outros

representantes de culturas afetadas pelo problema em dezembro de 2024, no município de Jaguari, no Centro do Estado. Lá, foram discutidas soluções e elaborada a “Carta de Jaguari”, contendo reivindicações destinadas a melhorar a fiscalização e a normatização do uso desses produtos. Entre elas, o estudo de produtos alternativos e do impacto dos herbicidas hormonais na economia agrícola do país, além da proibição da aplicação de herbicidas hormonais entre de 1º de agosto e 31 de março de cada ano, “mitigando os riscos as culturas sensíveis”, diz o documento.

De acordo com as entidades signatárias, “as consequências da deriva de herbicidas hormonais sobre as culturas sensíveis vêm sendo observadas e discutidas desde meados da década de 2010”, mas “ao longo desse período houve pouco avanço no sentido de evitar as perdas recorrentes nas culturas mencionadas”. A consequência, segundo o documento, é que “os produtores prejudicados acabam arcando integralmente com as perdas, pois as indenizações são inexistentes e as multas, quando aplicadas, são irrisórias”.

Por outro lado, produtores de soja como Gesiel Porciúncula, di-



FERNANDO DIAS/SEAPDR/JC

Ampliação da área plantada com soja na região despertou necessidade de discutir problemas com derivas

retor da Agricampanha, reforçam a importância da especialização e da profissionalização no uso de defensivos, proporcionando a utilização responsável dos defensivos e permitindo a convivência entre diferentes culturas. “A Agricampanha realiza vários cursos no inverno para capacitar os profissionais de aplicação. O produtor precisa ser mais profissional, trabalhar melhor e evitar problemas tanto para o vizinho quanto dentro da própria propriedade”, defendeu Porciúncula.

Nos últimos anos, também a Federação da Agricultura do Rio Grande do Sul (Farsul) promoveu discussões sobre o uso do 2,4-D,

buscando um ponto de equilíbrio para a aplicação do produto, cujo uso é defendido pela entidade.

Uma audiência pública está prevista para fevereiro de 2025 na Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul, onde serão discutidas a normatização e a fiscalização do uso de defensivos hormonais, com base nas demandas apresentadas na Carta de Jaguari.

O engenheiro agrônomo Paulo Ricardo Siqueira explica que a deriva é um reflexo da negligência no uso da tecnologia. “A deriva caracteriza, acima de tudo, inobservância nos aspectos de aplicação, como o uso inadequado de pontas de aplicação ou o desrespeito às

condições atmosféricas. Poderíamos resumir que a deriva é resultado de uma negligência”, afirmou.

Jaceguay Barros, consultor técnico da Pecanita Agroindustrial, cujas áreas de plantio em Cachoeira do Sul são lindeiras a propriedades produtoras de soja, defende alternativas ao uso de herbicidas hormonais. “Precisamos fornecer alternativas às culturas invasoras para que deixemos de usar hormonais. Isso é a solução definitiva.” Ele ainda assim recomenda que é necessário que potenciais produtores de outras culturas fiquem atentos a áreas mais suscetíveis ao alcance da deriva na hora de escolher terras para o plantio.

Ferramentas de previsão do tempo podem ser aliadas do campo

Gabriel Fritsch, de Pelotas

A previsão do tempo e a análise climática são ferramentas fundamentais para o produtor rural, ajudando a tomar decisões que impactam diretamente o sucesso

da produção agrícola. Entidades técnicas ligadas à produção rural, como a Emater-RS/Ascar, salientam que ficar atento à ciência do clima pode ajudar o agronegócio a ser mais resiliente em relação às rápidas mudanças climáticas que

vêm afetando o RS, incluindo a Metade Sul do estado.

De acordo com Rodrigo Prestes, chefe da Emater em Pelotas, o acompanhamento climático é essencial para o planejamento no campo. “Embora o produtor não possa controlar o clima, ele pode se preparar. Informações sobre épocas de plantio, manejo, adubação e poda podem fazer toda a diferença na produtividade”, explica.

Em 2024, o fenômeno El Niño trouxe chuvas acima da média para o Sul do Brasil, com registros de mais de 2.000 mm em Pelotas, superando a média histórica de 1.300 mm, segundo a entidade. Já para 2025, a expectativa é de um ano influenciado pelo La Niña, com períodos de seca que exigirão atenção redobrada.

No último dia 9, uma projeção do Centro de Meteorologia e Oceanografia dos Estados Unidos

(NOAA), atualizou as condições para a estabilização do La Niña, fenômeno que deve chegar ao Rio Grande do Sul no verão de 2025, mas com fraca intensidade.

Esperado desde o início de 2024, o fenômeno causou controvérsias entre especialistas. A confirmação ocorreu apenas na última semana, já que temperaturas do Oceano Pacífico não estavam no limiar para que pudesse ser efetivado como La Niña. O fenômeno climático La Niña, inverso do El Niño, tem origem natural e corresponde ao resfriamento anormal das águas do Oceano Pacífico, com influência direta no clima dos continentes.

A expectativa já preocupava agricultores gaúchos pelo impacto direto na agricultura e na pecuária, já que o fenômeno é conhecido por causar períodos de seca, prejudicando o desenvolvimento das lavouras e reduzindo a produ-

ção de carne e leite na região.

Além das ações planejadas, defende Prestes, os produtores devem ser resilientes diante das rápidas mudanças climáticas. “Agora está chovendo bastante, mas daqui a um mês o problema pode ser a falta de água. Por isso, a segurança nas decisões é essencial”, complementa.

No início de 2025, Pelotas já enfrentou chuvas abaixo do esperado, reforçando a necessidade de estar sempre atualizado. Para isso, órgãos como a Emater-RS, ou o Instituto Rio-Grandense do Arroz (Irga) oferecem dados meteorológicos e orientações específicas por meio de seus escritórios regionais.

Enquanto os moradores das cidades usam a previsão do tempo para decidir entre casaco ou guarda-chuva, para o produtor rural ela é um fator determinante para o planejamento e a sobrevivência no campo.



WENDERSON ARAUJO/CNA/DIVULGAÇÃO/JC

Dados sobre épocas de plantio e manejo ajudam no planejamento